

*Ata da 25ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa
do Estado da Bahia,
em 19 de maio de 2016.*

Presidência do Senhor Deputado Bira Corôa, ad hoc. À hora marcada, o Sr. Presidente e proponente da homenagem, invocando a proteção de Deus, declarou aberta a Sessão, com a finalidade de **comemorar o Dia de África**. A Mesa dos trabalhos foi composta pelos Srs: Ailton Ferreira, Assessor Especial da Secretaria Estadual da Promoção da Igualdade Social, representando o Governador do Estado da Bahia; Lenildes Pereira dos Santos, representante da Casa do Benin em Salvador; Lindinalva Barbosa mestra e educadora; Major Elson, Comandante da Companhia de Valéria, representando o Comandante-Geral da Polícia Militar, Cel. Anselmo Brandão; Matilde Ribeiro, Diretora da Unilab; Camilo Afonso, Adido Cultural da Casa de Angola; Roger Richard, Diretor de Combate ao Racismo da UNE. Após a execução do Hino da Bahia pelo Coral da Polícia Militar, o Deputado Bira Corôa destacou que o Dia de África é reconhecido pela ONU como um dia de reflexão, debate e afirmação do valor e da importância do Continente e do povo africano para a civilização mundial. Disse que a educação e o Estado isolaram e alienaram os brasileiros da África. Falou da construção da identidade cultural do negro brasileiro por meio da religião e da capoeira e sobre o poder de organização dele, citando o exemplo dos quilombos. Afirmou que o negro é parte importante da civilização e da sociedade brasileira, apesar da condição de objeto a que foi submetido durante a escravidão. Alertou que o golpe a que a sociedade brasileira foi submetida recentemente é fruto da não aceitação das elites da ascensão do povo pobre, negro e de outras etnias. Por fim, disse que o Governo interino de Michel Temer está desconstruindo os avanços e conquistas sociais realizados nos últimos 12 anos, que beneficiaram principalmente a população pobre e negra. A Srª Lindinalva Barbosa saudou os Orixás e pediu que eles fortaleçam a todos na luta pela liberdade, no momento difícil pelo qual passa o País. Disse que as culturas africanas utilizam a repetição oral para preservar a memória. Afirmou que a memória nacional é deficitária em relação à trajetória histórica dos povos negros. Ressaltou a educação do ponto de vista de um povo que, apesar de ter sido escravizado e submetido ao longo dos séculos à opressão e à negação da humanidade dele, construiu espaços civilizatórios e um arcabouço de conhecimento e de epistemologia. Narrou a luta do povo negro, ao longo da história do Brasil, pelo acesso à educação, especialmente à escrita. Destacou que o conhecimento se baseou muito na tradição oral, mas é importante que se amplie a produção escrita dessa história para garantir a conscientização. Por fim, apelou a todos, sobretudo aos jovens, que se apropriem da história de luta da ancestralidade. A Sra. Lenildes Pereira dos Santos fez um apelo aos jovens para que lutem para garantir que essa cultura não se acabe, porque um povo sem memória é

um povo sem cultura. Historiou que sempre fez parte do movimento negro e fez um convite a todos para que visitem a Casa do Benin. Concluiu destacando o aumento do orgulho negro na juventude, mas alertou para que seja um ato de consciência e não um modismo. O Sr. Camilo Afonso convocou a todos para fazerem das Casas da Angola, do Benin e da Nigéria espaços de pesquisa, discussão e transmissão de conhecimento. Considerou inaceitável que os estudantes não tenham acesso ao mapa da África nas escolas, afirmando que dessa forma não poderão conhecer e defender a história do negro. O Sr. Roger Richard relacionou o momento político do País com a pauta racial. Disse que o golpe foi contra a democracia e os avanços e conquistas sociais alcançados nos últimos 12 anos. Falou que direitos conquistados, como as cotas nas universidades, não são privilégios, como pensam as elites, mas políticas de reparação e afirmação. A Sra. Matildes Ribeiro conclamou todos a, no momento político atual, reagir e lutar pelo que foi construído ao longo de quase duas décadas. Disse que a participação institucional da população negra está sob sério risco, e que a instalação do Governo Temer poderá esvaziar a Unilab. A Deputada Fátima Nunes fez um relato pessoal para mostrar como é importante que as escolas aprofundem o ensino da história negra como forma de combater o preconceito. Contou que a mãe dela, retirante de Paripiranga, conheceu o marido em São Paulo, também retirante, onde se casaram. Ao voltar para a cidade natal ouviu do pai o insulto: “Eu pensei que você iria trazer um marido, você trouxe um negro.”, numa demonstração clara de que o racismo e o preconceito permanecem na sociedade, muito depois do fim da escravidão. O Major Elson fez um recorte histórico da atuação da Polícia Militar, desde o Golpe de 1964. Reconheceu erros cometidos no passado, como a invasão de terreiros e a proibição de manifestações culturais como a capoeira, mas que com a Constituição de 1988 houve a garantia de direitos fundamentais. Enumerou alguns projetos de intervenção social da Polícia Militar nas comunidades como forma de prevenção à violência, lembrando que esses espaços são ocupados por maioria negra em razão de um processo histórico de segregação socioespacial. Por fim, disse que o grande desafio da Corporação é se preparar para servir à sociedade e ao povo de forma igualitária, sem qualquer tipo de diferença ou discriminação. O Sr. Ailton Ferreira relatou ações do governo para promover a inclusão, mas se mostrou indignado com o fato de algumas escolas públicas descumprirem a Lei de Diretrizes e Bases, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira. O Sr. Presidente, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a Sessão.

PRESIDENTE –

1º SECRETÁRIO –

2º SECRETÁRIO –